



A Imprensa
local do séc. XIX



B)
70(469.12)''18''(042
AS



CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

CONVITE

A BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE BARCELOS, no âmbito da rubrica «FALAR BARCELOS», convida V. Ex.^a a estar presente

no colóquio

A imprensa local do séc. XIX

proferido pelo(a)

Sr. Carlos Basto

no próximo dia 30 de Outubro de 1987 às 21.30 horas.

Local: **Biblioteca Pública Municipal de Barcelos**
Rua Infante D. Henrique, 42

Barcelos
MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 56105

Perm.



BARCELOS — Largo da Porta Nova: centro cívico da cidade.



A IMPRENSA LOCAL DO SÉCULO XIX

"A meia voz tenho-o dito, aqui e acolá, nunca por meio da palavra escripta, que é cousa assim um pouco puchada á substancia, que, attendendo a um certo numero de circunstancias, cada qual a mais imperiosa, que não convem trazer para aqui na sua amplitude, porque as maçadas estão de todo prohibidas, mormente n'este tempo de calma em que se troca mais facilmente o melhor dos artigos litterarios por um copo d'agua, sobretudo da Fonte de Baixo, que passa por ser a melhor para beber, mas...tenho-o dito e repito-o agora aqui - que o jornal de provincia só agrada, em regra, quando é bandalho.

"O assumpto é melindroso e compadece-se pouco com a talhada do semanario que me toca aqui.

" Em Barcellos onde temos imprensa ha mais de meio seculo, é pelo "Barcellense" que começo a ver que pela campanha acésa, que pelo escandalo é que o periodico se sustenta.

"Folheio as gazetas que após se começaram a publicar n'esta villa e reforço a minha observação: é na polemica quasi sempre pessoal, que o jornalista vae amparando a vida da folha onde elle, ás vezes, applica o melhor do seu tempo.

"Ora é claro que nem sempre o censo commum e a grammatica presidem nas grandes cargas cerradas de prosa.

"Umas vezes por instincto, outras com miras pouco honestas, sem verdade e sem principios, tenho visto muitissimas meias columnas e maçadas paginas fazer cahir assentados no chão, perdidos de riso, pessoas tidas na conta de boas e de espirito fino.

"Ora que me importa a mim que o sr. Fulano de tal se tome da pinga ou que a esposa de Sícraño tenha a distracção de aquecer as costas no inverno ao marido e no verão lh'as refrescar ?



" Comprehende-se a publicidade de escandalos politicos, pelo seu fundo moral, mas que têm os barbeiros e... artes correlativas com o que um municipe, com comichões, venha em letra redonda dizer meia duzia de tolices contra quem bem lhe parece ?

" O que tem graça, o mais interessante, é que geralmente, quando vejo um individuo a fallar de honra abaixo, honra a cima, vou logo saber que é um refinadissimo tratante.

" Quando um individuo chama bebado a outro, escreve quasi sempre a setenta graus á sombra.

" Para terminar hoje este aranzel - que terá outros companheiros - vou contar um caso que se deu em Barcellos ha alguns annos.

" Um semanario que fez successo no genero verrinoso, levantou uma tesissima campanha contra o jogo. Pedem-se providencias, sr. administrador, isto assim não póde sêr: joga-se na villa escandalosamente; é de noite, de dia, a toda a hora.

" V. Ex^a. tem dous caminhos a seguir: ou demettir-se ou cumprir a lei.

" Era administrador o meu amigo dr. Ferreira da Fonte. S. Ex^a. não se demittiu... deu um varejo, um assalto a uma, então celebre, casa de jogo, e apanhou lá um melro que presidia á banca e era, nem mais nem menos, que o auctor da campanha jornalistica contra o jogo e contra a autoridade administrativa.

"(...) volto ao assumpto do jornalismo da provincia.

" É não fugir do que disse ! Desde que o meio, o humanissimo meio esteja educado ao escandalo, tirar-lhe este prato é tornar o jornal monotono, aborrecido, sensaborão !

" Por via de regra o "constante leitor" lança sobre as duas ou tres paginas principaes do periodico a sua vista curiosa. Se os titulos picam a attenção, zás... lê com tal soffreguidão, que até se lhe torna indifferente a boa ou má forma litteraria.

" Isto muito especificadamente nas gazetas de provincia, que geralmente não nos dão politica em primeira mão, nem telegrammas sensacionaes da ultima hora.

" Se, injustificadamente, o polemista ou insultador, geralmente, esbarra a sua malcriada bilis contra um individuo que, pelo seu character, pelo seu saber, pela posição que occupa - é merecedor da estima de todos - raros são os que, sem um fundo de maldade, não applaudem a injustiça !

" E a culpa não é só dos maus instinctos do "leitor assiduo", nem devido á sua pouca educação.



" É ás necessidades que o jornal de provincia lhe criou, assoalhando aquillo que muito bem ficaria no silencio.

" Poriásse, o redactor principal d'um jornal tem deveres a cumprir, espantosos.

" Aconselhava para taes lances um finissimo humorista portu- guez a seguinte prudente resolução:.

" Ha originaes que se recebem e se leem, primeira, segunda e terceira vez, pousando sobre elles o pisapapeis após essa ope- ração.

" Passados que sejam quinze dias, novas e successivas leitu- ras.

" Depois... chama-se o director da officina, não d'estes sem pundonor que mostram facilmente os escriptos - e ordena-se d'esta maneira o serviço :

" - Ó amigo, olhe que eu entrego estes linguados á sua vi- gilancia, á sua responsabilidade. Quiviu ? Muita tenencia !! Se sahirem publicados, vae aqui tudo raso.

" É pois dever da imprensa procurar caminho novo.

" Se se trata de Barcellos, onde todos muito bem nos conhece- mos - como ajuizadamente escreveu um jornalista da terra, não há muitos dias - não é com simples palavras que se bota abaixo a re- putação d'um homem de bem, segundo escreveu o estimado director d'esta folha.

" Palavras leva-as o vento e balas de papel não matam nin- guém.

" De que me vale a mim dizer que Fulano é pasquineiro, Sicra- no é um cobarde que nunca se defrontou cara a cara nas suas aggres- sões, que Beltrano attentou contra a burra do patrão !!! Sim ! de que valem estas ninharias para o effeito moral da imprensa ?

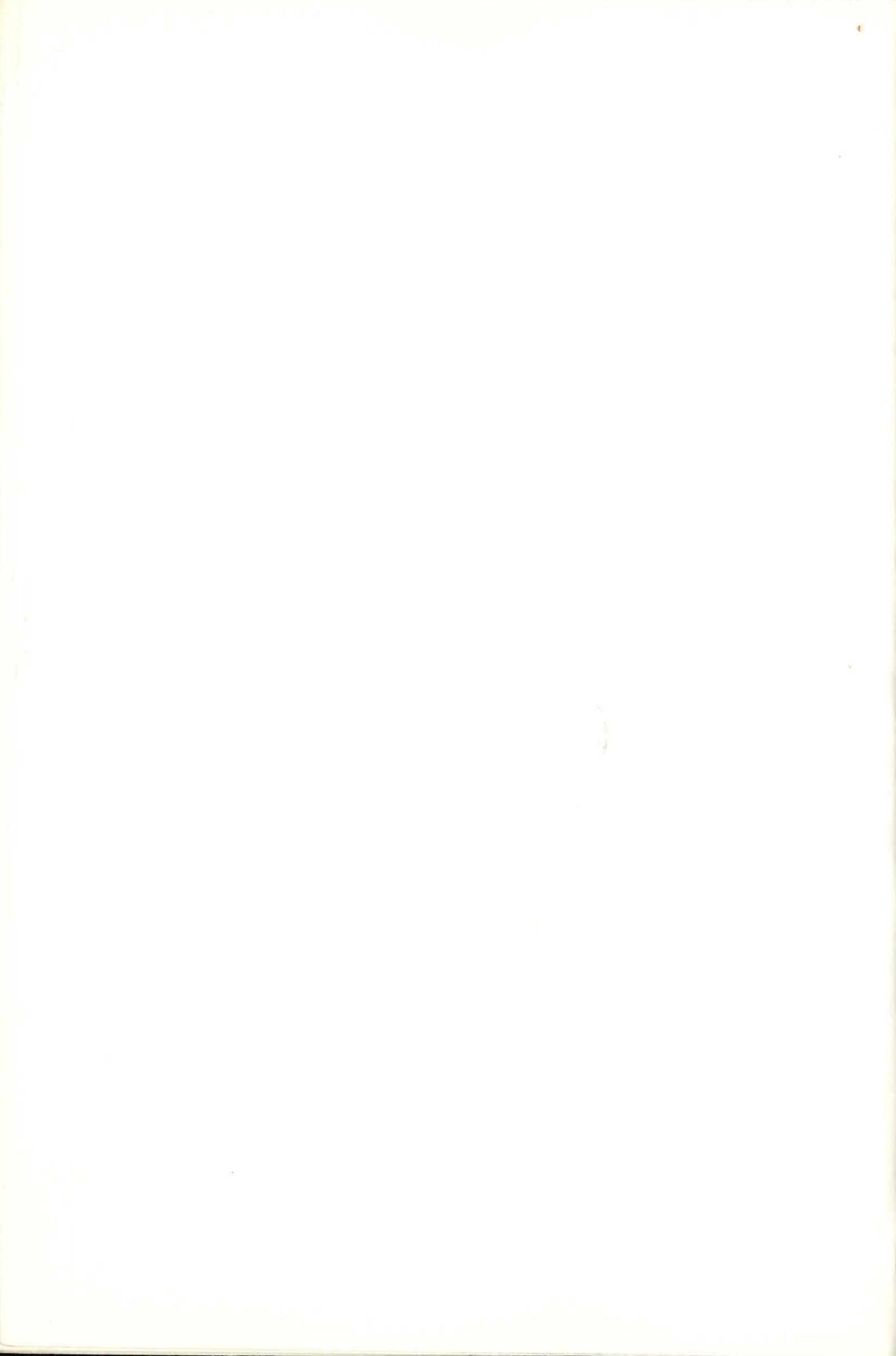
" Os factos, esses, é que sustentam o homem, dizia-me ao ou- vido ha dias um dos mais respeitaveis cavalheiros da terra !"

Como é obvio, esta prosa não é da minha autoria. Veio publi- cada no "Regenerador Liberal", sob o título Respigando.., assinado com o pseudónimo "Eu".

Uma crítica ?

Um meter a mão na consciência ?

De qualquer forma uma faceta de certo jornalismo de provincia, que também vingou no final do século passado.



Foi o Dr. António Ferraz quem primeiro se interessou pela imprensa local.

Em Abril de 1909, na "Barcellos-Revista", o abade António Fernando Pais de Vilas Boas começou a publicar uma retrospectiva da sua história, servindo-se dos dados fornecidos, por volta de 1.907, por aquele erudito investigador das coisas de Barcelos.

Posteriormente outros procuraram complementar aqueles estudos, de forma a podermos fazer um juízo global, tão completo quanto possível, da nossa imprensa. Foram eles o tenente Cardoso e Silva, João Miranda, os drs. Francisco de Almeida, Falcão Machado, A. Rodrigues, Sá Cachada e Armando Malheiro.

Também A. Lopes de Oliveira, que estudou a imprensa distrital, tratou, obviamente da barcelense.

Hoje procuraremos abordar alguns aspectos relacionados com o período que vai de 1853, data do aparecimento da primeira publicação periódica de Barcelos, "O Barqueiro do Cávado", até ao final do século XIX.



No Século XIX, e que eu saiba, nasceram, em Barcelos, 42 periódicos, jornais ou revistas, sendo os seus títulos, por ordem cronológica, os seguintes:

- 1 O Barqueiro do Cávado
- 2 O Barcellense
- 3 O Ecco de Barcellos
- 4 O mercantil
- 5 O Jornal do Povo
- 6 Jornal de Barcellos
- 7 O Imparcial
- 8 Aurora do Cávado
- 9 Registo Bibliographico e Philológico
- 10 O Povo
- 11 O Desengano
- 12 Lei e Ordem
- 13 A Folha da Manhã
- 14 O Tirocínio
- 15 O Minhoto
- 16 O Mosquito
- 17 A Gazeta do Povo
- 18 Revista do Minho
- 19 A Lyra
- 20 A Idéia Nova
- 21 A Mocidade
- 22 A Bibliographia
- 23 Jornal de Barcellos (2º do mesmo nome)
- 24 O Annunciador
- 25 O Minho
- 26 A Jornada
- 27 Commercio de Barcellos
- 28 Ao 1º Anniversario da Proclamação da República Brasileira
- 29 A Portuguesa
- 30 O Artista
- 31 A Gaita
- 32 O Patriota
- 33 O 31 de Janeiro
- 34 A Lágrima
- 35 Setta
- 36 A Kermesse
- 37 Barcellos-Regenerador
- 38 Barcelos



- 39 A Pega Morta
- 40 O Zé
- 41 A Pega Brava (ex Morta)
- 42 Exército Ilustrado

Mas Barcelos não fugiu, com certeza, à regra da existência de pasquins, que, no dizer de Rocha Martins, mais não eram que a "expressão popular, mas nem sempre grosseira, de publicidade demolidora", colados nas paredes e portas a horas mortas da noite, para serem lidos e arrancados nas manhãs seguintes.

Não me foi dado o ensejo de ver algum, mas "O Ecco de Barcellos", em 3 de Abril de 1861, informa-nos: "Appareceram na madrugada d'hontem affixados pelas esquinas das ruas da Villa pasquins sediciosos, que forão logo arrancados. Não erão impressos, mas manuscriptos. Parece-nos que a fabrica não colherá resultado."

No mesmo jornal, mas do dia 6, lemos: "Se os especuladores, os parvos escrevinhadôres e affixadôres de pasquins miseraveis contavam com a desordem para caçar nas aguas turvas, enganaram-se.

"Não continuem; que pôdem sahir-se mal da empreza."

Uma outra forma de expressão pública, a folha volante, impressa, (avisos, manifestos, comunicados, convites, proclamações, protestos, cartas abertas, etc.), teve igualmente grande difusão na nossa terra.



A época que agora analisamos, é marcada pelo diminuto número de jornais, e uma média de leitores que hoje nos faria sorrir. No entanto, as dificuldades dos jornais eram idênticas às de hoje.

O "Parlamento", jornal de Lisboa, em estatística que "O Ecco de Barcellos" transcreveu em 16 de Março de 1861, dizia: "Apesar da pouca protecção que o paiz offerece, pelos seus acanhados recursos, às publicações periodicas, não se póde deixar de admirar, em relação a alguns annos antes da epoca actual, a avultada quantia de folhas politicas, litterarias, e scientificas que hoje sahem dos nossos prelos, assim no continente, como nas ilhas."

A seguir menciona 21 jornais em Lisboa, 10 no Porto, 5 em Coimbra, que não enumeramos por nos parecer fastidioso.

Nas restantes terras o número e os títulos dos jornais distribuam-se do seguinte modo:

"Vizeu: Viriato

Aveira: Campeão das Provincias

Braga: Independente - Bracarense

Barcellos: Barcellense - Ecco de Barcellos

Vianna: Aurora do Lima - Viannense

Valença: Razão

Elvas: O Tirocinio - Transtagano - Voz do Alem-Tejo

Beja: Bejense

Setubal: Correio de Setubal

Leiria: Districto de Leiria

Ponta Delgada: Aurora dos Açores - Oriental - Ilha - Comercio Michaelense

Ribeira Grande: União - Estrella Oriental

Angra do Heroismo: Insulano - Angrense - Terceira

Fayal: Fayalense

Funchal: Justiça - Funchalense - Flôr do Oceano - A Voz do povo - Direito."

E terminava: "Calculando approximadamente um termo medio de 300 leitores effectivos a cada uma destas publicações póde-se avançar que os leitores effectivos de periodicos em Portugal andão por perto de 200.000."



Porque são escassas e até contraditórias as notícias vindas a público a propósito da primeira publicação periódica editada em Barcelos, achei por bem aflorar, embora sucintamente, alguns dados referentes a "O Barqueiro do Cávado".

Fundado por José Silvério da Cunha Osório, apareceu pela primeira vez em 25 de Outubro de 1853, e não a 13 do mesmo mês como noticiaram o Abade Paes, Cardoso e Silva, A. Rodrigues e A. Lopes de Oliveira.

A obra foi impressa em 4 fases e em 2 tipografias: em Barcelos na Typ. de J. A. Val^o e Sousa e no Porto na Typ. de D. J. da F. Pascoal, na r. de St. António, 125.

Esta revista, de character literário, teve como colaboradores José Vieira de Sousa Coutinho, abade de Requião e José Maria do Rosário Vilas Boas (padre José Vilas).

O seu fundador, Cunha Osório, está ligado aos primeiros jornais de Barcelos, quer como fundador, quer como colaborador.

O "Barcellense", surgido ao que tudo indica em Outubro de 1859, quando dirigido pelo mesmo Cunha Osório, advogado de profissão, segundo A. Paes, fazia tremer "Barcellos...que sentia calafrios, ao ver como O Barcellense entrava no tribunal, na Camara, na administração do concelho, e até em o gabinete dos cavalheiros mais em destaque na política local, e trazia para a praça publica uma critica mordaz e crua dos seus actos publicos e políticos."

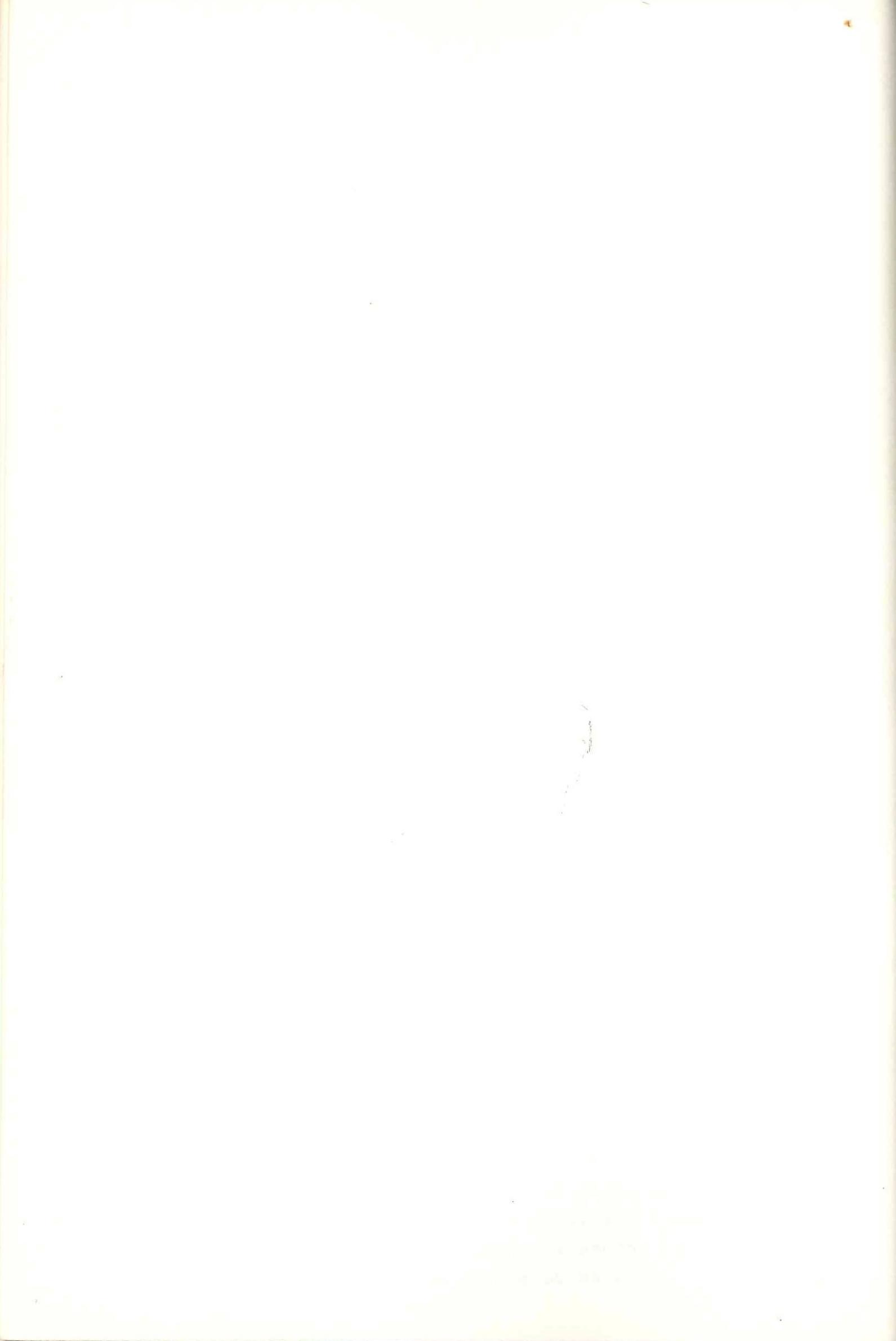
Em 6 de Março de 1873, escrevendo sobre um novo jornal que iria surgir, cunha Osório dizia:

"Está correndo o tempo d'habilitação um novo periódico, que se vai publicar n'esta Villa, denominado - Lei e Ordem.

"É filho do sr. juiz de direito e administrador deste concelho, creado para combater o nosso; bem vindo seja para glória da patria e dos portuguezes. É editor responsável o sr. António Bernardino de Souza, procurador do juizo."

Em 1 de Junho do mesmo ano, no mesmo jornal, lia-se: "Periódico fundado pelo patife do juiz de Direito d'esta comarca..." e, mais à frente, "acabou e não deixou pena, antes pelo contrário deixou de si ascorosas recordações esse filho natural do juiz de Direito - a "Lei e a Ordem."

A agressividade dos seus escritos acarretava respostas não menos virulentas. Assim, em carta dirigida ao redactor de um outro jornal, em 20 de Abril de 1861, podemos ler: "Há um jornal em Barcellos que tem o título de - Barcellense - escripto pela escoria e pela gente mais infame e abjecta que se conhece. Esses sabujos sem crenças a não serem as do sordio interesse, esses vendilhões da



honra alheia, e talvez mesmo da sua, dedicaram á minha humilde pessoa um artigo, que me não dehonra, porque deshonrado ficaria eu se fosse elogiado por semelhante canalha."

A "Folha da Manhã" de 12 de Outubro de 1882 noticiava: "Surprehendeu-nos há poucas horas a noticia de haver fallecido repentinamente n'esta villa o snr. José Silvério da Cunha Ozorio, severissimo character e vigoroso redactor do "Barcellense" jornal de combate, politico progressista que ha pouco ainda suspendeu, pela ultima vez, a sua publicação.

"Ante o cadaver respeitoso d'este cidadão, curvamo-nos reverentes, nós que tantissimas vezes, politicamente, tivemos de condemnar os seus excessos de exaltada dedicação pelo partido em que se filiára e do qual era cego e estrenuo defensor. Esqueçamos injurias.

"Paz à sua alma."

Por sua vez "A Lagrima", em 1 de Setembro de 1901, escreveu:

"Era um incomprehendido !

"Almas que aferem os primôres da vida pela craveira dos interesses chamavam-lhe maluco.

"Pois pode-se lá admittir um homem ingenuo e altruista além da idade em que se maneja o pião ?"

E, logo depois..."servia-lhe de arma de ataque "O Barcellense", periodico por elle fundado e que, apesar de varias interrupções, aparecia sempre que um escandalo ou injustiça revoltava a opinião do povo de Barcellos."

Por vezes, a ambição pessoal de alguns e as lutas politicas desencadeadas por outros, traziam aos periódicos locais uma voz apaixonada, carecida da objectividade que se desejava.

Assim, n' "O Jornal do Povo", um dos seus redactores, o padre Baptista de Lima, queria que a Camara criasse a Biblioteca Municipal, e lhe fosse entregue o lugar de bibliotecário. Como tal pretensão fosse negada pelo presidente de então, o dr. Faria Rego, abandonou o jornal levando consigo o editor responsavel, que era seu pai. Acolheu-se em "O Barcellense" e, aí, começou a atacar a Camara e "O Jornal do Povo"

É neste mesmo jornal que António Maria do Amaral Ribeiro inicia a publicação da apreciada "Notícia Descritiva da Muito Nobre e Antiga Villa de Barcellos".

A "Aurora do Cávado", distinguida com o Grande Diploma de Honra na Exposição de Imprensa, realizada em Maio de 1898, em Lisboa,



dedicou-se, em 2ª série, expressamente a assuntos bibliográficos, seguindo a orientação do dr. Rodrigo Veloso, passando a sua redacção para a r. da Palma, 148 a 152, na capital.

Jornais houve que surgiram unicamente para combater politicamente outros jornais. Foi o caso de "O Desengano", fundado 7 dias depois de "O Povo", tendo os dois terminado quase simultaneamente.

"A Folha da Manhã", em campanha dirigida contra o dr. Rodrigo Veloso, acusava-o de ter sido fiador do organeiro D. Luiz Velasco Rodrigues, que não teria cumprido o contracto do arranjo do orgão da "Insigne e Real Collegiada" e levado à dissolução da mesa da irmandade da Venerável Ordem Terceira.

Ao noticiar, em 3 de Fevereiro de 1881, um roubo na Colegiada afirma: "Nada nos admiramos d'este facto, embora repugnante, porque estamos n'uma terra onde os ladrões têm a mais dedicada protecção dos progressistas. A auctoridade administrativa não se importa com as queixas de roubos, nem procura policiaer a villa. Tudo vae ao abandono, e vae bem..."

Em 6 de Julho de 1882, no nº 153, dava-se a notícia dos descatos havidos no mercado semanal: "Na feira effectuada hoje em Barcellos houve um levantamento energico motivado pela carestia do milho..."

"O povo revolucionou-se e obrigou pela força a que no mercado o milho baixasse immediatamente 250 réis em raza, vendendo-se por consequencia a 500 réis e não a 750 como era o preço estipulado da feira.

"A desordem tomou por vezes proporções sérias e as mulheres e os homens do povo, estes armados de varapaus e aquellas de pedras, varreram a feira aos gritos de

Abaixo os impostos;
Queremos o pão barato !"

Posteriormente, em Março de 1883, fazia-se saber: "Por ordem superior foi terminantemente prohibido que nos editaes, annuncios e outras publicações sejam designados os pezos e medidas por denominação differente da que é adoptado no systema metrico decimal."

Por sua vez "O Minhoto" surgia para "... levar longe a condemnação dos abuzos e dislates que ha muito tempo se notam em algumas repartições publicas d'este concelho, apontando aos poderes superiores e ao publico, verdadeiro juiz n'estas cauzas, o modo arbitrario e irregular como n'ellas se procede."



Em 29 de Outubro de 1885 lemos em "A Idéia Nova": "No sabba-
do ultimo pela meia noite ao passar no centro da ponte sobre o Ca-
vado o nosso amigo João Baptista Maciel, deparou com uma scena en-
graçada e teve de ser comparsa n'ella.

"Estavam dois homens armados de varapaus e uma mulher. O nos-
so Maciel jolgoou talvez ser detido por alguns amigos do alheio, mas
qual não foi a sua admiração quando lhe pediram para servir de pa-
drinho ao bater da meia noite, de uma creança que a mulher, que se
achava no seu estado interessante, tinha de dar à luz ! Este baptis-
mo é effectuado pondo o padrinho a mão sobre o ventre da mãe e em-
pregando a formula da igreja.

"Sem esta cerimonia a mulher podia abortar e não trazia a
criança a termo sãosinha e escoreita.

"O principal d'esta crendicé é convidar-se para padrinho o
primeiro homem que passe sobre a ponte, depois de soar a meia nou-
te.

"Ditoza gente !"

O "Commercio de Barcellos", fundado em 9 de Março de 1890,
publicou as contas das Festas das Cruzes de 1910:

| | |
|------------|-------------------|
| Receita | 1.261\$040 |
| Despeza | <u>1.135\$950</u> |
| Saldo reis | 125\$090 |

Estas contas, patentes na Associação Commercial, eram assina-
das por Adelino Torres, como tesoureiro, e Carlos Ramos, como se-
cretário.

Este jornal foi suspenso em 5 de Fevereiro de 1911, no seu
21º ano, com o nº 1092.

No artigo de fundo, deste exemplar, lia-se:

"O Commercio de Barcellos suspende hoje a sua publicação.

"O governo da Republica, pelo seu representante local, enviou-
-nos o seguinte:

"Serviço da Republica - Administração do concelho de Barcellos
- nº 68.

"Ao cidadão director do jornal Commercio de Barcellos. N'esta
villa.

"previno-vos de que é prohibido empregar linguagem provoca-
dora e attentoria das instituições vigentes no jornal que dirigis,
sob pena de procedimento energico da minha parte.

"Saude e fraternidade.

"O administrador do concelho

"a) Affonso Henrique Barbeitos Pinto."



Seguia-se, por parte do jornal, a promessa: "O Commercio de Barcellos reaparecerá logo que lhe seja permittido usar do direito da livre critica e analyse, e reaparecerá, está bem certo, contando com essa corrente de opinião que sempre appoiou."

"O Artista", fundado em 1891, parece ter sido o primeiro periódico barcelense com ilustrações.

Em linguagem extremamente rebuscada e pretenciosa, surgiu o jornal literário e humorístico "A Gaita", em 17 de Maio de 1894.

Assim, lemos:

"A Gaita que hoje exhibimos em primeiro numero, é a expansão da nossa alma de quinze annos, cujos sons se espraíam pelas horisontes ceruleos da natureza em busca das incognitas intangiveis do ideal."

De cariz político diametralmente oposto, um monárquico e o outro republicano, surgiram em 1892 dois jornais manuscritos: "O Patriota" e "O 31 de Janeiro".

No 2º lemos: "O nosso collega o Patriota disse no numero antecedente, que nós não eramos patriotas por termos dicto com satisfação que a republica ja esteve proclamada por espaço de uma hora na cidade do Porto..."

Em 24 de Abril de 1892 appareceu o 1º número do quinzenário ilustrado "A Lágrima", fundado por António Leite e tendo como director Augusto Soucasaux.

Este periódico, extraordinariamente popular, dedicou sempre um carinho muito especial à corporação local dos bombeiros.

Mas é na "Folha da Manhã", em 11 de Março de 1880, que temos notícia da tentativa da formação de uma corporação em Barcelinhos.

Assim, lê-se: "està-se organisando em Barcelinhos um corpo de bombeiros voluntarios. Applaudimos a ideia. Oxalá vá por diante tão importante melhoramento."

"No incêndio na "Fabrica Industrial Barcellense, estabelecida no campo de D. Carlos, n'esta villa, propiedade das snrs. Nogueira & Gavinho", relatado ainda na Folha da Manhã, mas de 23 de Setembro desse mesmo anno, diz-se "n'este arriscado combate com tão temivel inimigo houve-se com bravura a bomba dos voluntarios de Barcellinhos. São dignos dos maiores louvores os serviços d'estes, e pena é que não se constituam solidamente."

Anunciava-se assim a dissolução deste agrupamento. Outra iria surgir, em breve, mas em Barcelos, mais precisamente a 4 de Agosto de 1883.

Mas é em 7 de Outubro de 1897, em o "Barcellos - Regenerador" que encontramos a notícia de um incêndio, "nos baixos da casa em



que habitam as exmas sras Pachecos á rua Duque de Bragança."

Depois de elogiar a nável corporação pela forma como atacou o sinistro, lemos:

"A principio houve confusão como sempre, attento aos serviços que os populares querem sempre, louvavelmente, prestar na desmontagem de bombas e funcionamento das mangueiras de mistura com o pessoal habilitado para esse fim."

Mais à frente, a notícia continuava: "Aqui convém notar a ignorancia d'um d'esses populares que montára para o cimo da casa, de dois andares, uma escada e de machado em punho, se atirára doidamente contra uma chaminé, quando o incendio estava localizado no réz do chão!..."

A 17 de Junho de 1897 o mesmo jornal informava: "A digna direcção da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios comprou o predio onde funcionava ha ánnos, no largo José Novaes, a aula de latim do Sr. Manuel José Pinto Rosa.

"Vae ser demolida para no seu logar ser edificado um edificio apropriado para a installação do quartel da companhia.

"A planta e alçado foram confiados a um nosso patricio, que bem se deve haver do seu trabalho."

Este barcelense chamava-se Francisco Faria, conforme notícia lida ainda no mesmo jornal, mas a 30 de Dezembro de 1897.

A base de licitação para a obra de pedreiro foi de 330\$000, sendo adjudicada pela quantia de 279\$000 reis ao mestre pedreiro António José da Costa, da freguesia da Silva.

Foi também um grande artista barcelense, o pintor Candido da Cunha que desenhou o modelo dos diplomas da corporação, conforme testemunha o "Barcellos - Regenerador" de 17 de Junho de 1897.

A 5 de Maio de 1898 o mesmo jornal noticiava: "Já foi assente na sacada da frontaria do novo edificio da Associação dos Bombeiros Voluntarios, a grade de ferro.

"É muito elegante, bem trabalhada, e para ter todos estes requisitos basta dizer-se que sahiu das officinas da acreditada serralaria "Souto" de Barcellinhos".

Em "A Lagrima", e referindo-se a Avelino Ayres Duarte, comandante dos bombeiros, lemos:

"Tem sido uma frieira, perdoe-se-nos a propriedade do termo, perante a indifferença da nossa Camara Municipal, pedindo para collocar, nas principaes ruas da villa, boccas de incendio, que serão alimentadas com a agua Borges, segundo o contrato existente."

Mais adeante: "Regulou o serviço de incendios, montando

Handwritten mark or signature

caixas de signaes de fogo nas torres das principaes egrejas."

Essas bocas de incêndio foram utilizadas pela primeira vez em Fevereiro de 1898, de acordo com a notícia do dia 17 do "Barcellos - Regenerador", quando nos dá a conhecer um incêndio ocorrido na chaminé da cozinha do prédio de José Lopes d'Albuquerque: "pela primeira vez fizeram uzo da bocca d'incendio situada ao largo da Porta Nobre, a qual produziu excellentes resultados."

Um número especial de "A Lágrima" apareceu "saudando e comemorando a inauguração do Azylo d'Infancia Desvalida no Recolhimento do Menino Deus, regista o primeiro melhoramento moral de Barcellos !"

A "Setta", não passou de uma tentativa de mudança de nome de "A Lagrima", que o público não aceitou, obrigando a publicação a retomar o antigo título.

E isto apesar da justificação dada pela redacção: "Não sera a setta hervada que fere e aniquila as partes robustas e sãs do organismo social, mas a setta leal que retalhe e escarpelise os órgãos viciados e purulentos, para serem substituidos por outros em que haja viabilidade.

"Assim, a "Setta", sera o cauterio das chagas cancerosas da sociedade barcellense, elliminando a dôr com a anasthesia da delicadeza."

Mas um outro acontecimento, muito grato aos barcelenses, era notícia na "Folha da Manhã" de 4 de Maio de 1882: "Já estão bem distintas e algumas muito perfectas, as cruces que annualmente, por esta occasião, se mostram no Campo da Feira, n'esta villa.

"Mysterios insondaveis !"

Numa época marcada pela proximidade da viragem do século e pelas lutas políticas, apaixonadamente alimentadas, época essa testemunhada pelo "Barcellos - Regenerador", nascido em 28 de Janeiro de 1897, não nos espanta a forma virulenta como são tratados os assuntos de character político.

Assim, numa local daquele jornal, de 16 de Novembro de 1899, lemos: "Hoje, reune a "patrulha", para apresentação do "illustre" e futuro pae da patria. O "illustrado" zurrará tão sonoramente, que até em Carvoeiro acordarão os "calleberrimos" antepassados do futuro pato mudo.

"Outras alimarias, que também se propoem atirar, na mesma reunião, ao senso comum, já hoje se fizeram ferrar solidamente. Garantimos que sahem desfezrados..."

Esta local tinha como título "Pepino progressista".



O Jornal de Notícias, da cidade do Porto, referindo-se ao jornal "Barcellos", noticiava: "Sob este título começou de publicar-se na formosa villa do Cavado um novo jornal que arremette riço e tezo contra a choldra progressista lá da terra. Que nunca as mãos lhe dôiam, estimado collega, e que por muitos annos e bons a choldra lhe sinta a dureza do azorrague."

A esta notícia respondia o jornal local com: "Esteja certo o nosso presado collega que ha de sentir!".

Uma grande reportagem, no nº 83 do 2º anno, em 25 de Agosto de 1898, dá-nos a conhecer a verdadeira catástrofe que foi o incêndio no mosteiro de Vilar de Frades:

"Seriam 9 horas da noute do dia de sexta-feira, 19 do corrente, quando n'esta villa se começaram a ouvir badaladas repetidas e constantes em torre de igreja não mui distante de Barcellos"; assim começava o relato do pavoroso incêndio.

Para o local, e em carro para tal fretado, seguiu a máquina nº 1 da Associação dos Bombeiros.

Mas, e segundo o mesmo jornal, "Proximo de S. Bento, devido a uma pronunciada volta de estrada, pareceu á vista de todos que o incendio era não em Villar, mas em Gallegos ou Manhente.

"Chegou, porisso, o carro a parar.

"Posto em movimento conheceu-se do engano.

"N'uma venda de Adães ouvira-se dizer que o incendio era em Vilar de Frades."

Incompreensivelmente, lia-se na referida reportagem "Luctou-se com muita falta d'agua, que alguns lavradores negaram."

Mais adeante lemos: "Os lavradores não quizeram, na sua maior parte, prestar serviço.

"Vimos um d'elles de manta aos hombros, a gosar o espectáculo confortavelmente..."

O último quartel do século ficou igualmente marcado pelo aparecimento de jornais manuscritos, que aliavam o aspecto recreativo à crítica dos costumes locais.



O tom apaixonado das campanhas políticas levou o "Barcellos-Regenerador", referindo-se a o "Commercio de Barcellos", a escrever: "são d'este estofo os cinco redactores do pastelão progressista",

Em Novembro de 1897 a linguagem daquele jornal torna-se ainda mais agressiva: "Arre, bestas !

"O nauseabundo vomito, que ainda vos escorre das longas beiças, todo feito das venenosas secreções das vossas almas de bandidos, haveis de engulir-o até á ultima particula.

"A ninguém espanta, que vós, ó scelerados (...)

"Não nos aterram os urros desesperados das bestas feras (...)

"Fica certo, porém, ó malandra, que te conhecemos, há muito, bem como á malta que te cerca (...)"

Neste mesmo jornal, em 1 de Dezembro de 1898, pudemos ler: "José Francisco Lixo, da freguezia de Abbade do Neiva, d'este concelho, faz publico, para os devidos effeitos, que passa, d'hora avante, a chamar-se José Francisco do Real".

Ao que parece, não gostava que lhe chamassem Lixo...

A "Folha da Manhã", de 10 de Agosto de 1882, informava:

"Consta que a exm^a camara vae aproveitar o terreno do Campo dos Touros para fazer ahí um jardim.

"Aplaudimos a idéa, mas melhor seria se aproveitasse para esse fim o Campo de S, José ficaria um passeio mais hygienico e não se privava o publico de ter o mercado da louça reunida ao dos outros differentes generos."

No final desse mesmo mês, noticiava:

"Está quasi concluido o risco do jardim que vae levantar-se no Campo dos Touros."

"O desenho foi habilmente executado pelo sr. Gallo, architecto, empregado do sr. Francisco de Paula Brandão, proprietario do Horto Agricola e de Floricultura e jardineiros da Camara do Porto.

"O sr. Paula Brandão tem o seu credito estabelecido como um dos primeiros floricultores do paiz e por certo deve apresentar no jardim de Barcellos, exemplares das melhores plantas do seu Horto."

E seguia:

"Lavra grande descontentamento entre a maior parte dos municipes d'este concelho pela deliberação da camara municipal sobre a escolha do local em que se está fazendo o jardim, n'esta villa.

"Quer-nos parecer que já foi conhecido o erro em que cahiu, e, não lhe seria desairoso emmendar a mão.

"Annunciam-se importantes melhoramentos municipaes, avenidas para aqui, alamedas para ali, jardins para acolá, e a respeito de



escolas, canalisação das aguas, limpeza e conservação de estradas não se falla."

De entre os melhoramentos anunciados, um houve que nos despertou a curiosidade, e que veio noticiado a 22 de Março de 1883. "Vão muito adiantadas as obras do muro da cerca da Santa Caza que a expensas do seu digno provedor o exm^o sr. padre Domingos Simões Duarte Lyra, se está aformoseando já ha bastante tempo.

"Principiou-se já a obra de rebôco, caleamento e pintura a côres em xadrez, o que produz um bello effeito.

"O trabalho de caleamento e pintura foi commettido ao habil artista sr. Alfredo da Silva Barros, d'esta villa".

A 15 de Setembro de 1887, este mesmo jornal, dá-nos a conhecer que: "Já deram principio á demolição das muralhas que ainda existem do antigo palacio dos Duques de Barcellos, para se proceder ás obras que a vereação municipal transacta, deixou em via de construcção".

Há precisamente cem anos, mais concretamente em 13 de Outubro de 1887, no n^o 428 da "Folha da Manhã", vinha a lume este escrito: "O nosso presado collega "Espozendense" espirrou no seu ultimo numero com a despretenciosa noticia que demos, de que haviam já principiado os estudos para um caminho de ferro entre esta villa e Espozende.

"Não vale zangar, cáro collega.

"Não precisamos deitar a livraria abaixo para sabermos que esta historia de estudos para um caminho de ferro, entre nós, é uma completa chuchadeira com que pretendem engodar-nos.

"Vênha a ponte, venham caminhos de ferro, venha tudo quanto aproveite ao povo, que não seremos nós que regatearemos o galardão, a quem justamente o merecer.

"Entenda-o assim o presado collega; mas, por emquanto, permitta que continuemos a chamar troça á celebre ponte, e que digamos bem alto: anda cousa no ar - com respeito a caminhos de ferro de Barcellos a Espozende.

"A seu tempo vereremo e depois...ainda nos hade dár razão, esclarecidíssimo collega&.

A 24 de Novembro continuava: "Diz-se que estão muito adiantados os estudos para aquelle caminho de ferro, que tem de extensão 17 kilometros,

"Está projectada uma estação na freguezia de Perilhal, bifurcando o caminho na estação d'esta villa (Minho e Douro).

Nesta mesma data, e no mesmo jornal, falava-se "novamente na mudança do systema da nossa illuminação, o que bem preciso se tornava.

"Estará d'esta vez o municipio resolvido a acabar com os actuaes

Pyri lampos ?

"Bom seria".

Lendo os jornais do passado, outra coisa não fazemos senão procurar compreender o dia de ontem, sentir o de hoje e construir o dia de amanhã.

E os dias de Barcelos são-nos particularmente queridos...

Convidado para "FALAR BARCELOS", achei por bem deixar antes "BARCELOS FALAR".

Não foi propriamente uma troca na ordem das palavras, mas sim uma tentativa de dar mais rigor a essas mesmas palavras.

Assim, não fui eu a dissertar sobre esta nossa terra, na que não me acharia à vontade, mas procurei antes dar voz à própria terra, através da sua imprensa.

Consegui-o ?

Ves Exas o dirão.

Illustrissimo Sñr.

ASSEMBLEA
RECREATIVA
BARCELLENSE
N.º 88

Tendo felismente terminado a Guerra civil no nosso Paiz, e com ella os motivos que suspenderão a execução dos artigos 22 e 29 do nosso Estatuto nos dous proximos passados anniversarios; e sendo urgentissimo prover de remedio a tão reclamadas necessidades: a Direção da mencionada Assembleia resolveo convocar Assembleia Geral para o dia 1.º d'Agosto do corrente anno ás 5 oras da tarde, que tem de reunir-se nas cazas da mesma Assembleia, a fim de resolver o que só a esta compete. O que se participa a V. S.ª para sua intelligencia .

Deos guarde a V. S.ª Barcellos e Caza d'Assemblea Recreativa Barcellense 20 de Julho de 1847.

Illustrissimo Sñr. *João de Mattos Faria Barbosa*

O Secretario

Thomaz Coelho da *Costa*

Eleitores do Circulo

DE

BARCELLOS !

Não vos deixeis illudir com as palavras fementidas de huns poucos de ambiciosos que tentão especular convosco.

Desprezai as calumniosas insinuaçoens com que pretendem desvirtuar nomes respeitaveis.

El-Rei o Sr. D. PEDRO 5.^o he amigo do Povo; e he por isso que não quer Cabralistas.

Demittio o Ministerio passado que propunha huma contribuição odiosa, e forinou o novo Ministerio composto de pessoas respeitaveis, sem hir bater á porta dos Cabralistas.

Ajudai por tanto as intençoens do joven Rei. *Nada de Cabralistas.*

Por tanto; nada de *Rebello da Silva*, que he *Cabralista*. He de Lisboa; saia por Lisboa.

Nada de *Faria Rego*, que he outro *Cabralista*. Foi hum sabujo dos *Cabraes*. Não tem feito o mais pequeno beneficio ao Concelho tendo sido Deputado. Fóra com elle, que não serve.

Nada de *Diogo de Magalhaens*, porque se ligou aos *Cabralistas*.

Nada de *Camarate*, que tambem ja foi Deputado por este Circulo, e nunca se lembrou d'elle. Este não he *Cabralista*, mas votou pela contribuição odiosa.

Olhai que o *Faria Rego* foi dos que trabalhou e votou pela Lei em virtude da qual o Governo quer lançar contribuição á ponte da nossa Villa, e não teve huma só palavra que dissesse contra a portagem. Deputados assim votão quantas contribuiçoens se lhes propoem.

Fóra com elles. Calcai, rasgai, cuspi a lista que contiver semelhantes nomes.

Votai em pessoas que conheçais, e de cujo prestimo não puderdes duvidar.

Ajudai os esforços do Rei. *Nada de Cabralistas*, que são e tem sido sempre os maiores oppressôres da liberdade, e os maiores espoliadores, da bolsa do Povo.

Á urna, contra o cabralismo que quer subir. Á urna, em esquadrão cerrado; que lá vos esperamos.



CIDADÃOS DO CONCELHO DE BARCELLOS!

A Providencia que vela sempre sobre os Povos, não podia desamparar os Portuguezes! Servindo-se da valente espada do nobre Duque de Saldanha, como da espada de fogo do Anjo exterminador, derribou do Poder os Cabraes, esses homens amaldiçoados por todo o Paiz! He preciso por tanto não nos mostrar-mos desagradecidos aos favores do Ceo, agora que he chegado o momento solemne das Eleições!

Vamos pois á Urna, Cidadãos! Caminhemos para ella cheios de confiança; mas vamos ao mesmo tempo com cautella e prudencia porque havemos de encontrar no caminho os agentes do cabralismo!

Desta vez não se nos apresentam como em 1845, ameaçadores, apontando para as baionetas e para os punhaes dos assassinos. Disfarção com palavras sementidas e traiçoeras promessas, seus criminosos designios.

Conheceis os agentes do cabralismo neste Concelho?

São aquelles que apoiando todos os roubos dos Cabraes, apoiarão ainda o projecto contra as Irmandades e Confiarias!

São aquelles que nunca tiveram hum voto de censura contra hum Ministerio que por espaço de nove annos nos avexára com tributos enormes; contribuiçoens espantosas; medidas de oppressão e iniquidade; e que por fim agrilhoarão a imprensa, para que as concussões e os roubos não pudessem ser conhecidos!

São aquelles que neste mesmo Concelho em 1845 falsificarão os recenseamentos, chamarão as baionetas para cercarem as Urnas, prenderem os eleitores independentes, e escoltarem os ladroens introduzidos na Igreja desta Villa para substituirem as listas!

São aquelles que nesse mesmo anno seduzirão e angariarão testemunhas falsas para organizarem processos onde culpárão Ecclesiasticos virtuosos que não poderão á força de outros manejos arredar da lide eleitoral!

São aquelles que augmentarão arbitrariamente as decimas aos contribuintes independentes, e que repartirão entre si esse augmento!

São aquelles que por suas continuadas oppressões concorrerão para que huma revolução popular, unica do seu genero na historia do Paiz, se manifestasse poderosa e ameaçadora contra a corrupção arvorada em theoria de Governo!

São aquelles que devem o seu restabelecimento ás baionetas do estrangeiro, e que baterão as palmas quando o soldado hespanhol pizava a terra portugueza!

São aquelles que por fim de tudo vos tirarão á força as armas que conservaveis em vossas casas e que são vossa propriedade particular, sem pertencerem ao Estado, nem o Estado as exegir!

Pois esses agentes d'então, são os mesmos de hoje, que vendidos á facção cabralina tratão de illudir-vos!

Conhecem os males que tem causado, e o odio, que o Paiz lhes vota, e dizem-vos por isso que não trabalhão para os Cabraes! Miseraveis! Renegão os chefes da sua facção, mas não he o arrependimento que os punge: he o receio da justa indignação do Povo!

Dizem-vos que trabalhão em favor dos principios proclamados pelo nobre Duque de Saldanha! Ell-s que ainda ha pouco tinham todas as esperanças em huma revolta contra o nobre Duque!

Dizem-vos que trabalhão no sentido do Governo actual! Filles que não podem vêr o Governo honesto, porque não conhecem outros elementos que não sejam o roubo e a concussão!

Quando assim vos fallarem, dizei-lhes que mentem, e que o que procurão he restabelecer o dominio dos Cabraes!

Cidadãos! Escolhei Eleitores cuja honestidade e independencia vos seja conhecida! Escolhei Eleitores que se não vendão ás Graças e ao ouro dos Cabraes, ao ouro que elles tem roubado ao vosso suor, e que por isso que nada lhes custou, tem espalhado pelos seus agentes para comprar-vos a consciencia!

A' Urna pois, Cidadãos! A' Urna, em esquadrao cerrado contra os Cabraes, e contra os Cabralistas de toda a especie!



José Silvério da Cunha Osório, segundo desenho de Cândido da Cunha

O Arquero do Cavado

ENSAIOS PRATICOS DA MOCIDADE.

I > *Gutta non carat lapidem vice, sed sepe cadendo.*

Quando empreendemos a publicação de nossos ensaios literarios, bem conheciamos nós, que nos faltariam as forças nestes tempos difficeis de publicidade; mas a santidade de nossos desejos, reunida a de nossos esforços dava-nos a esperança de poder ser desculpada a ousadiã da empresa.

Não nos move um vão orgulho, porque o não temos; conhecemos a pequenez de nosso engenho, e a insufficiencia de nossas forças; sorri-nos com tudo ainda esperança de se nos tornar em conta nossos trabalhos.

Intermediando o util com o delectavel, a moral com a litteratura, já do nosso, já do alheio; tal será a bussola, que nos dirigirá os passos.

São primicias d'um terreno estéril, e inculto, que vos offerece — **MOCIDADE BARCELLENSE** — como testemunho da sua mais alta consideração e estima.

Barcellos 25 de Outubro de 1853 —

O vosso concidadão e amigo

Jose Silveira da Cunha Garcia



Trinsemal

A PEÇA MORTA

C. M. B.
Biblioteca

A Peça Morta

Esta familia aqui das redondezas vivendo no seio da abundancia, sorrindo-lhe de todos os lados os divertimentos mundanos, si tinhas o desgosto (que tristeza) de não possuir um unico filho, cujo gorgoleio em enche a abstrusidade em horas amargosas e quizes se por senda desimpedida os seus pensamentos, entris-

teido. Ohn filho! Quanto aos pais ha porachi que, vuido-se rodeados d'elles, lamentam a sua sorte por não terem o necessario para seu sustento e nos quminto bem podiamos chorar com um par d'elles, não nos nemhum! Louvado seja Deus. Talvez esse Senha queira que vivamos mais de cinco annos, pois diz o dictado: filhos creddos, trabalhos deha dos: talvez deseje que o que haviamos de dispor de elles, o distribuamos pelos pobres,

pelos aytores e casas de beneficencia; talvez, talvez. Mas um pelo menos. Ohn dia, tem do tomado a reflexão de que teriamos necessariamente, progeram - nel (homens e mulheres) a meditar profunda mente a respeito de seus vices. Digiam, bra nós, não temos filhos para que é que nos estamos a cansar, soffendo os rigores de um trabalho laborioso e de, mas não comemos já o que temos a mesa (morte, fuzil) não somos cravados em d'haes e muitas vezes a quem não oit aqardoe. Testa reflexões senta, ulma paga e pro-se

Folhetim

A Fortuna e a Riqueza.
Ohn dia um pobre sacchador de lenha encostou no maltho duas mulheres que discutiam entre si qual tinha mais moventos. - Eram a Riqueza e a

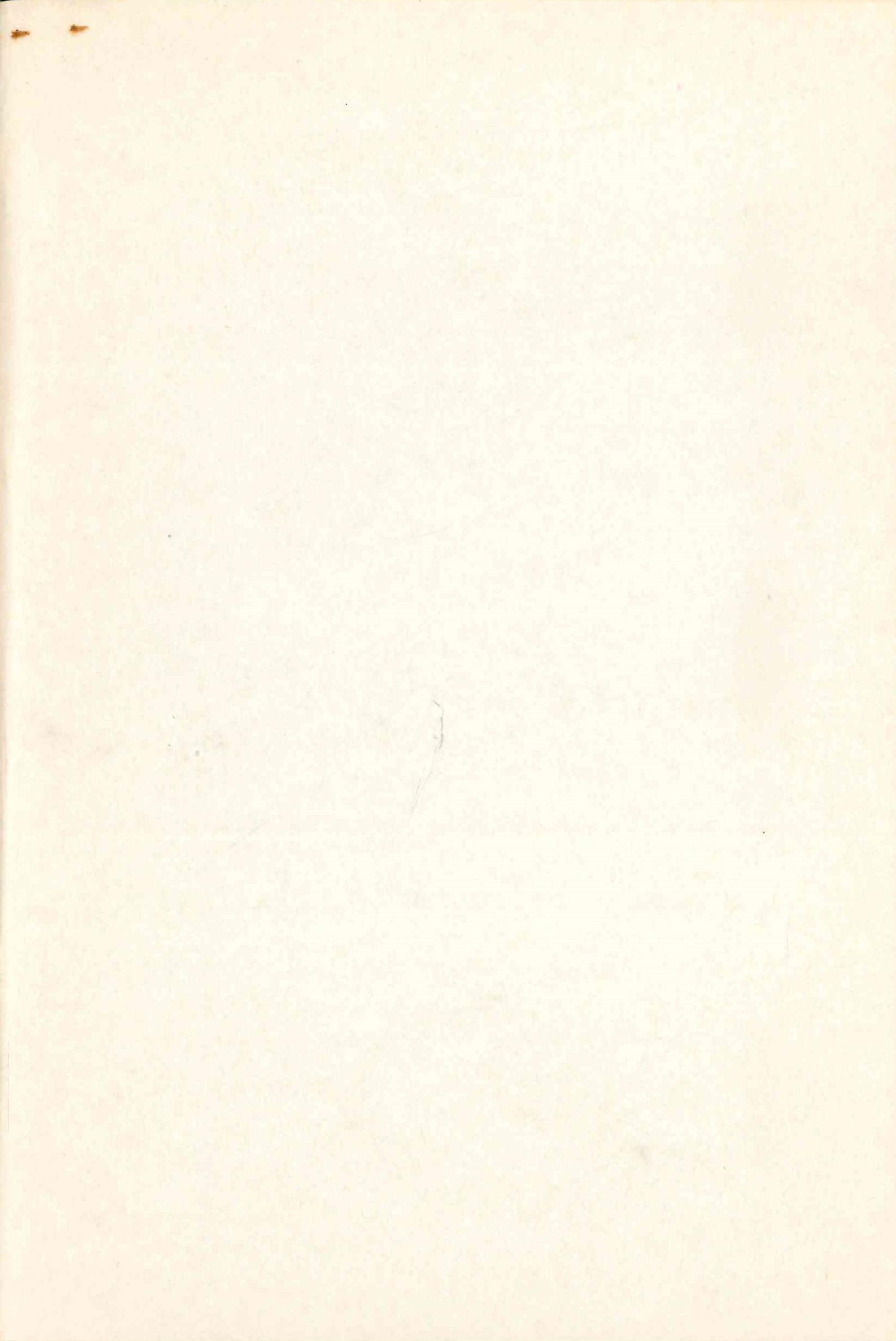
Fortuna - A primeira das mulheres volta-se para o trabalhador e diz á Fortuna: Este homem é honrado, trabalha incessantemente, tem mulher e filhos, vou fazel-o feliz - fado e rico.

Pico poderias fazel-o, feliz, mas sem mim. Temos, entretom a Riqueza mordendo a labio do despoito. E apuramando se acto continuo do pobre sacchador. Cava junto aquella avove!

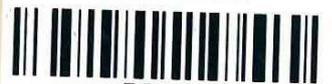
(continua)







biblioteca
municipal
barcelos



56105

A imprensa do séc XIX